

Tessa Dare

«Um romance que apaixonará o leitor!»

RT BOOK REVIEWS

VENCEDORA
DO PRÊMIO RITA
MELHOR
ROMANCE
HISTÓRICO

Romance ao Anoitecer

TOP
SEL
LER

Capítulo 1



Verão de 1814

O cabo Thorne conseguia fazer uma mulher vibrar, do outro lado da sala.

Um talento algo inconveniente, tanto quanto dizia respeito a Kate Taylor.

O homem nem sequer precisava de tentar, reparou ela com uma pontada de lástima. Só tinha de entrar na Touro e Flor, ocupar um banco ao balcão, fitar uma caneca de metal e manter-se de costas, largas e robustas, para a sala. E sem nada dizer... nem sequer olhar... ele fazia tremer os dedos da pobre menina Elliott enquanto ela os pousava nas teclas do piano.

— Oh, não consigo — sussurrou a rapariga. — Não consigo cantar agora. Com ele aqui não.

Mais uma lição de música estragada...!

Kate nunca tivera este problema até há um ano. Antes disso, Spindle Cove tinha sido habitada maioritariamente por senhoras e a Touro e Flor era uma casa de chá excêntrica, que servia bolos com cobertura e tartes de complota. Mas desde que uma milícia local tinha sido formada, o estabelecimento tornara-se na casa de chá das senhoras e na taberna dos senhores.

Ela não se opunha a partilhar — mas não era possível «partilhar» com o cabo Thorne. A sua presença severa e pensativa ocupava a sala inteira.

— Vamos tentar de novo — incitou ela a aluna, a esforçar-se para ignorar a silhueta intimidante que assomava na sua visão periférica. — Quase conseguimos daquela vez.

A menina Elliott corou e entrelaçou os dedos no colo.

— Nunca hei de acertar.

— Há de sim. É uma questão de prática, e não estará sozinha. Continuaremos a trabalhar no dueto e estaremos prontas para uma atuação experimental neste sábado.

À mera menção da palavra «atuação», as faces da rapariga tornaram-se carmesins.

Annabel Elliott era uma jovem bonita, delicada e de pele clara, mas a pobrezinha corava muito facilmente. Sempre que ficava embaraçada ou nervosa, as suas bochechas pálidas enrubesciam como se tivessem sido esbofeteadas até à exaustão. E ela ficava embaraçada e nervosa demasiadas vezes.

Algumas jovens senhoras vinham para Spindle Cove a fim de vencerem a timidez, sobreviverem a um escândalo ou a uma debilitante doença febril. A menina Elliott tinha sido enviada para ali na esperança de uma cura diferente: conseguir uma solução para o medo do palco.

Kate já era sua tutora há tempo suficiente para saber que o problema da menina Elliott nada tinha a ver com uma falta de talento ou de preparação. Ela apenas precisava de confiança.

— Se calhar uma música nova ajudaria — sugeriu Kate. — A meu ver, uma pauta de música refrescante e com cheiro a novo é ainda melhor para elevar os ânimos do que um chapéu novo.

Teve uma ideia.

— Vou a Hastings esta semana e vejo o que consigo encontrar.

Na verdade, ela tinha estado a planear ir a Hastings com um objetivo completamente diferente. Tinha uma visita a fazer lá — que tinha estado a adiar, e comprar novas pautas de música servia como um excelente pretexto.

— Não sei porque sou tão estúpida — lamentou a rapariga a corar. — Tive anos de excelente instrução. E adoro tocar. A sério...! Mas, quando há outras pessoas a ouvir fico sempre sem reação. Sou uma causa perdida.

— *Não é* uma causa perdida. Há sempre esperança.

— Os meus pais...

— Os seus pais também não acreditam que seja uma causa perdida, caso contrário não a teriam enviado para cá — contrapôs Kate.

— Eles querem que eu tenha uma temporada bem-sucedida. Mas você não sabe as expectativas que eles depositaram em mim, menina Taylor, não pode compreender como é.

— Não — admitiu Kate. — Julgo que não posso.

A menina Elliott olhou para cima, angustiada.

— Lamento. Lamento tanto... Não pretendia dizê-lo dessa maneira. Que desconsideração a minha.

Kate rejeitou o pedido de desculpas, agitando a mão.

— Não seja tonta. É a verdade. Eu sou órfã. A menina tem toda a razão, não posso de maneira alguma saber como é ter pais com expectativas altas e esperanças elevadas.

Embora eu desse tudo para ter essa experiência, apenas por um só dia.

E continuou:

— Mas sei que diferença faz saber que se está entre amigos. Isto é Spindle Cove. Aqui todos somos um pouco invulgares. Não se esqueça de que todas as pessoas da aldeia a apoiam.

— Todas?

O olhar cauteloso da menina Elliott pousou no homem enorme e solitário sentado no bar.

— Ele é tão grande... — sussurrou ela. — E tão assustador... Sempre que começo a tocar consigo vê-lo a fazer uma careta de desagrado.

— Não pode levar isso a peito. Ele é um militar, e sabe que eles são todos perturbados por causa das explosões de bombas.

Kate deu à menina Elliott uma palmadinha encorajadora no braço.

— Não faça caso. Apenas mantenha a cabeça erguida, um sorriso nos lábios e continue a tocar.

— Vou tentar, mas ele é... ele é deveras difícil de ignorar.

Sim, era. Kate sabia bem isso.

Embora o cabo Thorne fosse excelente a ignorá-la, ela não conseguia negar o efeito dele no seu próprio autocontrole. A pele arrepiava-se-lhe sempre que ele estava presente, e, nas raras ocasiões em que ele olhava na sua direção, o olhar dele conseguia ser penetrante. Mas, fazendo jus à confiança da menina Elliott, Kate pôs as suas reações pessoais de lado.

— Queixo erguido — lembrou ela à menina Elliott, e a si mesma, com voz baixa. — Não pare de sorrir.

Kate começou a tocar a metade de baixo do dueto. Mas, quando chegou o momento da entrada da menina Elliott, a rapariga mais nova vacilou após alguns compassos.

— Lamento, eu só...

A menina Elliott baixou a voz.

— Ele fez caretas outra vez?

— Não, pior — gemeu. — Desta vez ele estremeceu.

Com um pequeno suspiro de indignação, Kate elevou o pescoço para ver o bar.

— Não. Ele não estremeceu.

A menina Elliott discordou.

— Estremeceu, sim. Foi horrível.

Foi a gota de água. Ignorar as alunas era uma coisa. Mas fazer caretas era outra. E não havia desculpa para estremeecer. Estremeecer era completamente inaceitável.

— Eu vou falar com ele — disse Kate, levantando-se do banco do piano.

— Oh, não. Suplico-lhe.

— Está tudo bem — assegurou-lhe Kate. — Eu não tenho medo dele. Pode ser um brutamontes, mas não creio que morda.

Ela atravessou a sala e parou mesmo atrás do ombro do cabo Thorne. Quase reuniu coragem para lhe bater levemente na dragona de borlas do uniforme vermelho.

Quase. Em vez disso, pigarreou.

— Cabo Thorne?

Ele virou-se.

Em toda a sua vida nunca tinha conhecido um homem que pudesse parecer tão rígido. O rosto dele parecia feito de pedra, composto por ângulos esculpido e severos e faces inflexíveis. A sua superfície grosseira não lhe oferecia abrigo, nenhum esconderijo. A boca dele era uma ranhura austera. As sobrancelhas pretas convergiam com desaprovação. E os olhos... os olhos dele eram azuis como gelo num rio na noite de inverno mais fria e cruel.

Queixo erguido. Não pares de sorrir.

— Como pode ter reparado — disse ela baixinho —, estou a meio de uma aula de música.

Sem resposta.

— Sabe, a menina Elliott fica nervosa quando se trata de atuar à frente de estranhos.

— Quer que me vá embora...?

— Não. — A própria resposta de Kate surpreendeu-a. — Não, não quero que vá embora.

Isso seria dispensá-lo com demasiada facilidade. Ele estava sempre a ir embora. Era a habitual interação entre ambos, vezes sem conta. Kate reuniu coragem e tentou ser simpática. Ele arranjava sempre algum

pretexto para sair imediatamente da sala. Era um jogo ridículo, de que ela estava farta.

— Não estou a pedir-lhe para sair — disse ela. — A menina Elliott precisa de praticar. Eu e ela vamos tocar um dueto. E estou a *convidá-lo* para nos presentear com a sua atenção.

Ele fitou-a.

Kate estava acostumada ao contacto visual embaraçado. Sempre que conhecia pessoas novas ficava dolorosamente consciente de que elas apenas viam a mancha evidente e cor de vinho numa têmpora. Durante anos tinha tentado disfarçar a marca de nascença com chapéus de aba larga ou caracóis de cabelo habilmente dispostos, mas em vão — as pessoas olhavam sempre fixamente para lá deles. Ela tinha aprendido a ignorar a mágoa inicial. Com o tempo deixou de ser apenas uma marca de nascença aos olhos delas e passou a ser uma mulher com uma marca de nascença. E, por fim, olhavam para ela e viam apenas Kate.

O olhar do cabo Thorne era completamente diferente. Ela não sabia bem quem era aos seus olhos. A incerteza deixou-a numa posição perigosa, mas continuou a esforçar-se para se controlar.

— Fique — desafiou-o. — Fique e escute, enquanto tocamos o nosso melhor para si. Aplauda quando terminarmos. Bata com os pés no chão ao som da música, se quiser. Dê um pouco de encorajamento à menina Elliott. E deixe-me pasmada ao provar que tem um pingo de compaixão.

Demorou uma eternidade até ele finalmente dar a sua resposta. Sucinta e severa.

— Vou-me embora.

Levantou-se e atirou uma moeda para o balcão. E depois saiu sem olhar para trás.

Quando a porta pintada de vermelho se fechou nas dobradiças oleadas, fazendo pouco dela com uma pancada ruidosa, Kate abanou a cabeça. O homem era impossível.

No piano, a menina Elliott começou a tocar um leve arpejo.

— Julgo que isto resolve um problema — disse Kate, a tentar, como sempre, ver o lado positivo das coisas. Tentava, sempre, encontrar uma solução.

O Sr. Fosbury, o proprietário de meia-idade, chegou para levar a caneca da cerveja de Thorne. E empurrou uma chávena de chá na direção de Kate. Uma fatia fina de limão flutuava no centro, e o aroma a brande

gravitou na sua direção numa onda de vapor. Ela sentiu-se aconchegada antes de ter bebido um gole. Os Fosbury eram bons para ela.

Mas continuavam a não ser um substituto de uma verdadeira família. Para isso, ela teria de continuar a procurar. E *continuaria* a procurar, independentemente de quantas portas se lhe fechassem na cara.

— Espero que não leve a peito os modos rudes do Thorne, menina Taylor.

— Quem, eu?

Ela forçou uma pequena gargalhada.

— Oh, eu sou demasiadamente sensata para isso. Porque deveria importar-me com as palavras de um homem insensível?

Ela passou a ponta de um dedo pela borda da chávena de chá, pensativa.

— Mas faça-me um favor, por simpatia, Sr. Fosbury.

— Qualquer coisa, menina Taylor.

— Da próxima vez que me sentir tentada a oferecer um ramo de oliveira de amizade ao cabo Thorne... — ela arqueou uma sobrancelha e mostrou-lhe um sorriso brincalhão —, lembre-me de antes bater-lhe na cabeça com ele.

Capítulo 2



— Mais chá, menina Taylor?
— Não, obrigada.

Kate bebericou a infusão fraca na sua chávena, a disfarçar uma careta de desagrado. As folhas tinham sido usadas pela terceira vez, no mínimo. Pareciam ter perdido a última vaga memória de já terem sido chá.

Que adequado, julgou ela. Memórias vagas estavam na ordem do dia. A menina Paringham pôs de lado o bule.

— Onde disse que residia?

Kate sorriu para a mulher de cabelo branco sentada na cadeira à sua frente.

— Spindle Cove, menina Paringham. É uma popular vila de férias para toda uma geração de jovens esmeradas. Ganho a vida a dar lições de música.

— Fico contente por saber que a sua educação lhe providenciou um sustento honesto. É mais do que uma desafortunada como você poderia ter esperado.

— Oh, de facto. Tenho muita sorte.

Pousando o «chá», Kate lançou um olhar sub-reptício para o relógio sobre a lareira. O tempo escasseava. Detestava perder minutos preciosos com cerimónias quando tinha perguntas para fazer na ponta da língua. Mas uma atitude abrupta não lhe valeria quaisquer respostas.

Tinha um embrulho no colo, e enrolou os dedos à volta do cordel.

— Fiquei surpreendida ao saber que se tinha instalado aqui. Imaginem só: a minha antiga diretora de escola, reformada, a poucas horas de distância. Não resisti a fazer uma visita para relembrar os velhos tempos. Tenho recordações tão bonitas dos anos que passei em Margate...

A menina Paringham ergueu uma sobrancelha.

— A sério?

— Oh, sim — asseverou.

Ela tentou lembrar-se de exemplos.

— Sinto particularmente falta de... da sopa nutritiva. E das missas regulares. É tão difícil arranjar duas boas horas para ler sermões, hoje em dia.

No que dizia respeito a órfãos, Kate sabia que tinha sido muito mais feliz do que a maioria. O ambiente na Escola Margate para Raparigas podia ter sido austero, mas não lhe tinham batido, nem passara fome, nem lhe faltara roupa. Tinha feito amizades e tido uma educação útil. Sobretudo, tinha aprendido música e fora encorajada a praticá-la.

Na verdade, não podia queixar-se. Margate satisfizera-lhe todas as necessidades, salvo uma: amor.

Em todos os anos passados lá, nunca conhecera o verdadeiro amor. Apenas uma imitação, diluída e distante. Outra rapariga qualquer poderia ter-se tornado amarga. Mas Kate não era feita para a infelicidade. Mesmo que a sua mente não conseguisse lembrar-se, o coração recordava uma época anterior a Margate. Uma memória distante de felicidade ecoava a cada batida do seu coração.

Ela tinha sido amada outrora. Simplesmente sabia-o. Não conseguia atribuir um nome ou um rosto à emoção, mas isso não a tornava menos real. Há muito, muito tempo ela tivera um lar — com alguém, algures. Esta mulher podia ser a sua última esperança de encontrar a ligação.

— Lembra-se do dia em que cheguei a Margate, menina Paringham? Devia ser tão novinha...

A mulher idosa franziu os lábios.

— Cinco anos, no máximo. Não tínhamos maneira de ter a certeza.

— Não. Claro que não tinham.

Ninguém sabia o dia do verdadeiro aniversário de Kate, muito menos a própria Kate. Como diretora da escola, a menina Paringham tinha decidido que todas as tuteladas da escola partilhariam o aniversário do Senhor, a 25 de dezembro. Supostamente deviam sentir-se reconfortadas com esta lembrança da sua família divina nesse dia, quando todas as outras raparigas tinham ido para casa com os seus familiares de carne e osso.

No entanto, Kate sempre suspeitou de que tinha havido um motivo mais prático por trás dessa decisão. Se os aniversários delas fossem no dia de Natal, não havia necessidade de celebrá-los. Não havia garantia de

presentes adicionais. As tuteladas da escola contentavam-se com o mesmo embrulho de Natal todos os anos: uma laranja, uma fita e uma medida muito bem dobrada de musselina estampada. A menina Paringham não aprovava guloseimas.

Pelos vistos, ainda não aprovava. Kate mordiscou um cantinho do biscoito seco e sensaborão que ela tinha oferecido e depois pousou-o no prato.

Sobre a lareira, o relógio parecia tiquetaquear mais depressa. Apenas 20 minutos antes de a última diligência partir para Spindle Cove. Se perdesse a carruagem ficaria presa em Hastings durante a noite toda.

Ela controlou os nervos. Acabaram-se as hesitações.

— Quem eram eles? — perguntou. — Sabe?

— Do que está a falar?

— Dos meus pais.

A menina Paringham fungou.

— Você era uma pupila da escola. Não tem pais.

— Compreendo.

Kate sorriu, a tentar adicionar alguma leveza à voz.

— Mas eu não eclodi de um ovo, pois não? Não surgi debaixo de uma folha de couve. Tive uma mãe e um pai. Se calhar tive-os durante cinco anos. Esforcei-me tanto para me lembrar... As minhas memórias são tão vagas, tão confusas... Lembro-me de me sentir segura. Tenho esta impressão de azul. Uma sala com paredes azuis, se calhar, mas não tenho a certeza.

Ela beliscou a cana do nariz e franziu o sobrolho ao olhar para as borlas da carpete.

— Se calhar apenas quero lembrar-me tão desesperadamente que estou a imaginar coisas.

— Menina Taylor...

— Lembro-me de sons, maioritariamente.

Fechou os olhos e procurou concentrar-se.

— Sons sem imagens. Alguém a dizer-me «Coragem, minha Katie». Foi a minha mãe? O meu pai? As palavras estão-me marcadas na memória, mas não consigo ver o rosto dessa pessoa, por mais que tente. E depois há a música. Música de piano interminável, e aquela mesma canção...

— Menina Taylor.

Ao repetir o nome de Kate, a voz da velha diretora de escola pareceu rachar-se. Não como se fosse porcelana quebradiça mas antes como um chicote a estalar.

Num movimento de reflexo, Kate endireitou-se na cadeira.

Uns olhos penetrantes observaram-na.

— Menina Taylor, aconselho-a a parar de imediato com este interrogatório.

— Porquê? Tem de compreender. Eu vivi com estas perguntas durante toda a minha vida, menina Paringham. Tentei agir como sempre me aconselhou e ser feliz com a boa sorte que a vida me deu. Tenho amigos. Tenho um sustento. Tenho a música. Mas continuo sem conhecer a verdade. Quero saber de onde vim, mesmo que seja difícil ouvi-lo. Sei que os meus pais já estão mortos, mas se calhar há alguma esperança de entrar em contacto com outros familiares. Tem de haver alguém, algures. O mínimo pormenor poderia vir a ser útil. Um nome, uma cidade, um...

A velha bateu com a bengala no soalho de madeira.

— Menina Taylor. Mesmo que tivesse alguma informação para transmitir, nunca a partilharia. Levá-la-ia comigo para a cova.

Kate encostou-se às costas da cadeira.

— Mas... porquê?

A menina Paringham não respondeu, apenas pressionou os lábios um no outro até serem uma fenda fina de desaprovação.

— A senhora nunca gostou de mim — sussurrou Kate. — Eu sabia. Sempre deixou claro, de formas subtis e tácitas, que qualquer simpatia que me oferecesse seria de má vontade.

— Muito bem. Está certa. Nunca gostei de si.

Elas olharam-se. Pronto, agora sabia-se a verdade.

Kate esforçou-se para não revelar qualquer sinal de desilusão ou mágoa. Mas o seu embrulho com pautas de música escorregou para o chão e, então, um sorrisinho arrogante formou-se nos lábios da menina Paringham.

— Posso perguntar por que motivo fui tão condenada? Agradei apropriadamente por todas as pequenas coisas que recebi. Não fiz asneiras. Nunca me queixei. Dediquei-me às lições e tive boas notas.

— Precisamente. Não mostrou qualquer pingão de humildade. Comportou-se como se tivesse todo o direito de ser feliz como qualquer outra rapariga em Margate. Sempre a cantar. Sempre a sorrir.

A ideia era tão absurda que Kate não conseguiu evitar rir.

— Não gostava de mim porque eu sorria de mais? Devia ter sido melancólica e carrancuda?

— Envergonhada!

A menina Paringham vociferou a palavra.

— Uma criança fruto da vergonha devia viver recatada.

Kate ficou momentaneamente sem palavras. *Uma criança fruto da vergonha?*

— Do que está a falar? Eu sempre achei que tinha ficado órfã. A senhora nunca disse...

— Sua imoral. A sua vergonha não precisa de palavras. Deus marcou-a, Ele próprio — acusou a menina Paringham, apontando com um dedo ossudo.

Kate nem conseguiu responder. Levou uma mão trémula à têmpera.

Com as pontas dos dedos, começou a esfregar distraidamente a marca, da mesma maneira que o fazia quando era pequena — como se isso conseguisse apagá-la da pele. Durante toda a vida acreditara que tinha sido uma criança amada, cujos pais tinham morrido prematuramente. Que horror era pensar que tinha sido abandonada, indesejada.

Os seus dedos pousaram sobre a marca de nascença. Se calhar fora abandonada por causa *disto*.

— Rapariga parva.

A gargalhada da velha era causticamente áspera.

— Tem sonhado com um conto de fadas, não é? Pensado que um dia um mensageiro lhe baterá à porta e a informará de que é uma princesa desaparecida?

Kate disse a si mesma para se manter calma. Era óbvio que a menina Paringham era uma velha solitária e pervertida, que agora se dedicava a fazer os outros infelizes. Ela não daria à bruxa malvada a satisfação de vê-la perturbada.

Mas também não ficaria ali nem mais um segundo. Foi apanhar do chão o embrulho com as pautas de música.

— Lamento tê-la incomodado, menina Paringham. Vou embora. Não precisa de dizer mais nada.

— Mas vou dizer mais. Ignorante como é, chegou à idade de 23 anos sem compreender isto. Estou a ver que tenho de ser eu a ensinar-lhe mais uma lição.

— Por favor, não se incomode.

Levantando-se da cadeira, Kate fez uma vénia. Ergueu o queixo e estampou um sorriso desafiador no rosto.

— Obrigada pelo chá. Tenho mesmo de ir embora, se quiser apanhar a diligência. Eu saio sozinha.

— Rapariga impertinente!

A velha atirou a bengala, atingindo Kate na parte de trás dos joelhos.

Kate tropeçou, agarrando-se à entrada da sala de estar.

— Agrediu-me. Não acredito que acabou de me agredir.

— Devia tê-lo feito há anos. Podia ter-lhe tirado esse sorriso da cara.

Kate apoiou o ombro no batente da porta. A dor da humilhação era bem maior do que a dor física. Parte de si queria encolher-se numa bolinha no chão, mas sabia que tinha de fugir daquele lugar. Mais do que isso, tinha de fugir daquelas *palavras*. Das ideias horríveis e impensáveis que podiam deixá-la marcada por dentro e por fora.

— Tenha um bom dia, menina Paringham.

Ela apoiou-se sobre o joelho dorido e inspirou rapidamente. A porta da rua estava a poucos passos de distância.

— Ninguém a quis. — A peçonha escorria da voz da velha. — Ninguém a quis então. Quem pensa que haveria de querê-la agora?

Alguém, insistiu o coração de Kate. *Alguém, algures*.

— Ninguém!

O rosto da velha contorceu-se com malícia, quando voltou a brandir a bengala. Kate ouviu a pancada seca no batente, mas nesse momento já estava a abrir a porta da rua. Pegou nas saias e saiu de rompante para a rua de pedra. As suas botas de salto baixo tinham as solas gastas, e ela escorregou e tropeçou ao correr. As ruas de Hastings eram estreitas e sinuosas, ladeadas por lojas e estalagens cheias de pessoas. Não seria possível a mulher desagradável tê-la seguido.

Ainda assim, correu. Correu sem se preocupar com a direção que estava a tomar, desde que fosse para longe. Se calhar, se continuasse a correr suficientemente depressa, a verdade nunca a apanharia.

Quando virou na direção das cavalariças, o toque retumbante de um sino de igreja deu-lhe a volta à barriga.

Um, dois, três, quatro...

Oh, não. Para aí. Por favor não toques outra vez.

Cinco.

Que desgraça. O relógio da menina Paringham devia estar atrasado. Ela tinha chegado demasiado tarde e a diligência já teria partido sem ela. Não haveria mais nenhuma até à manhã do dia seguinte.

O verão estava no auge de dias longos, mas dali a umas horas *anoiteceria*. Tinha gasto a maioria do dinheiro na loja de música, restando-lhe apenas o suficiente para a viagem de regresso a Spindle Cove — sem mais moeda alguma para alojamento ou refeição.

Kate parou na estrada abarrotada de gente. As pessoas acotovelavam-se e movimentavam-se em redor, por todo o lado. Mas ela não pertencia a qualquer delas. Nenhuma a ajudaria. O desespero fluiu-lhe pelas veias, frio e negro.

Ela tinha confirmado os seus piores medos. Estava sozinha. Não apenas nessa noite, mas para sempre. A sua própria família tinha-a abandonado há anos e ninguém a queria agora. Ela morreria sozinha. A viver num minúsculo apartamento de reformado como o da menina Paringham, a beber chá deslavado e corroendo-se na sua própria amargura.

Coragem, minha Katie.

Durante toda a sua vida tinha-se apegado à memória dessas palavras. Tinha-se agarrado firmemente à crença de que significavam que alguém, algures, gostava dela. Não desiludiria essa voz. Este tipo de pânico não era típico dela e não levaria a nada.

Fechou os olhos, respirou fundo e fez uma listagem silenciosa dos seus atributos. Era inteligente. Era talentosa. Tinha um corpo jovem e saudável. Ninguém lhe tiraria essas coisas. Nem sequer aquela velha encarquilhada e cruel, com a sua bengala e o chá insípido.

Tinha de haver uma solução. Tinha alguma coisa que pudesse vender? O seu vestido de musselina cor-de-rosa era bastante bom — um presente oferecido por uma das suas alunas, adornado com fita e renda —, mas não podia vender a roupa que tinha vestida. Deixara o seu melhor chapéu em casa da menina Paringham, mas preferia dormir na rua a ir buscá-lo.

Se não o tivesse cortado no verão passado, poderia tentar vender o cabelo. Mas as mechas mal chegavam abaixo dos ombros agora e eram de um tom castanho normalíssimo. Nenhum fabricante de perucas haveria de querê-lo.

A melhor hipótese era a loja de música. Se calhar, se explicasse o seu problema e pedisse com muito jeitinho, o proprietário aceitaria as pautas de música de volta e devolver-lhe-ia o dinheiro. Isso dar-lhe-ia o suficiente para alugar um quarto numa estalagem suficientemente respeitável. Ficar sozinha nunca era aconselhável e ela nem sequer tinha a sua pistola. Mas podia encostar uma cadeira ao plinto da porta e ficar acordada a noite toda, a agarrar o atizador da lareira e com a voz preparada para gritar.

Pronto. Já tinha um plano.

Quando Kate começou a atravessar a rua, um cotovelo apressado fê-la desequilibrar-se.

— Homessa!... — disse o dono do cotovelo. — Tenha cuidado, menina.

Ela rodopiou, a pedir desculpas. O cordel do embrulho rebentou. Folhas brancas voaram e flutuaram pela tarde de verão ventosa, como um bando de pombas assustadas.

— Oh, não. As pautas...!

Ela agitou freneticamente ambas as mãos. Algumas folhas desapareceram pela rua fora e outras caíram na calçada, sendo rapidamente pisadas por transeuntes. Mas a maioria do embrulho aterrou no meio da estrada, ainda enrolado em papel castanho.

Ela avançou rapidamente para o agarrar, desesperada para salvar o que pudesse.

— Atenção! — gritou um homem.

Rodas de carruagem rangeram. Algures demasiadamente perto, um cavalo empinou-se e relinchou. Ela ergueu o olhar de onde tinha estado agachada na estrada e viu dois cascos calçados e rodopiantes, grandes como pratos de jantar, preparados para a desfazerem.

Uma mulher gritou.

Kate atirou o seu peso para o lado. Os cascos do cavalo aterraram mesmo à sua esquerda. Com uma travagem ruidosa e guinchante, uma roda parou a meros centímetros de lhe esmagar uma perna.

O embrulho das pautas de música foi parar a alguns metros de distância. O seu «plano» fora agora enlameado e atropelado por rodas na estrada.

— Raios te partam! — praguejou o condutor na cabina, a brandir o chicote. — Saíste-me uma bela filha da mãe. Quase fizeste capotar a carruagem.

— Eu... eu lamento, meu senhor. Foi um acidente.

Ele bateu com o chicote na calçada.

— Sai-me da frente! Sua coisinha irritante...

Quando ergueu o chicote para voltar a bater com ele, Kate encolheu-se e esquivou-se. Não houve nenhuma chicotada. Um homem pusera-se entre ela e a carruagem.

— Se a ameaçares outra vez — ouviu-o ela alertar o condutor num tom baixo e cruel — arranco-te a carne dos ossos à chicotada.

Que gélidas aquelas palavras. Mas foram eficazes. A carruagem afastou-se com pressa.

Quando braços fortes a levantaram, Kate ergueu o olhar ao longo de um homem verdadeiramente gigantesco. Viu botas pretas e polidas. Calças de couro cobriam coxas rijas. E um característico casaco militar de lã vermelha.

O seu coração deu um salto. Ela conhecia aquele casaco. Provavelmente tinha botões de latão cosidos nos punhos. Era o uniforme da milícia de Spindle Cove. Ela estava em braços conhecidos. Havia sido salva. E quando ergueu a cabeça tinha a certeza de que encontraria um rosto amigo, a não ser que...

— Menina Taylor...?

A não ser que... A não ser que fosse *ele*.

— Cabo Thorne — sussurrou.

Num outro dia, Kate poderia ter rido da ironia. De todos os homens que a poderiam salvar teria de ser *aquela*?

— Menina Taylor, que raio está a fazer aqui?

Ao ouvir o tom grosseiro dele, todo o seu corpo ficou tenso.

— Eu... eu vim à cidade comprar novas pautas de música para a menina Elliott, e para...

Ela não foi capaz de mencionar a visita feita à menina Paringham.

— Mas deixei cair o embrulho e agora perdi a diligência de regresso a casa. Sou tão estúpida.

Sou tão estúpida, parva, marcada pela vergonha e indesejada.

— E receio que agora esteja com um problema. Se ao menos tivesse trazido mais dinheiro, podia alugar um quarto para passar a noite e depois voltava para Spindle Cove de manhã.

— Não tem dinheiro nenhum?

Ela virou-se, incapaz de suportar a repreensão no seu olhar.

— Em que estava a pensar quando decidiu fazer esta viagem sozinha?

— Não tive outra escolha — a voz dela vacilou. — Estou completamente sozinha.

Ele agarrou-a nos braços com firmeza.

— Eu estou aqui. Agora não está sozinha.

Estas palavras estavam longe de ser poesia. Eram a mera constatação de um facto. Mal partilhavam o mesmo alfabeto, por simpatia. Se o verdadeiro conforto fosse um substancial pão de trigo integral, o que ele lhe oferecia eram apenas migalhas bolorentas.

Não importava. Não importava. Ela era uma rapariga faminta e não teria a dignidade de recusar.

— Lamento imenso — conseguiu dizer, engolindo um soluço. — Não vai gostar disto.

E, nesse preciso instante, Kate caiu nos imensos, rígidos e relutantes braços dele — e chorou.

Raios!....

Ela desatou a chorar. Ali mesmo na rua, caramba.... O seu belo rosto desfez-se num esgar. Debruçou-se para a frente até encostar a testa no peito dele, e depois soltou um suspiro sonoro e devastador.

Depois um segundo. E um terceiro.

O cavalo dele cambaleou para o lado, e Thorne partilhou o desconforto do animal. Se tivesse de escolher entre ver a menina Taylor chorar e oferecer o seu próprio fígado como alimento para aves, teria tirado e afiado a faca antes de a primeira lágrima escorrer pelo rosto dela.

Ele estalou a língua levemente, o que conseguiu acalmar o cavalo. Mas não teve qualquer efeito na rapariga. Os ombros delgados dela agitavam-se enquanto chorava no seu casaco. As suas mãos continuavam fixas nos braços dela.

Num gesto de desespero, deslizou-as para cima. Depois para baixo. Não adiantou.

O que aconteceu?, quis perguntar. *Quem te fez mal? Quem posso mutilar ou matar por te transtornar desta maneira?*

— Peço desculpa — disse ela, ao afastar-se depois de terem passado alguns minutos.

— Porquê?

— Por chorar para cima de si. Por obrigá-lo a abraçar-me. Eu sei que deve odiar.

Ela tirou um lenço da manga e limpou os olhos. Tinha o nariz e os olhos avermelhados.

— Não estou a dizer que não goste de abraçar mulheres. Toda a gente em Spindle Cove sabe que gosta de mulheres. Já ouvi mais do que queria sobre as suas...

Ela empalideceu e parou de falar. Ainda bem.

Ele pegou nas rédeas do cavalo com uma mão e pousou a outra nas costas da menina Taylor, guiando-a para fora da estrada. Assim que chegaram à berma ele laçou as rédeas do cavalo num poste e começou a procurar uma forma de a pôr confortável. Não havia onde ela se sentar. Nenhum banco, nenhuma caixa.

Isto incomodou-o desmedidamente.

O seu olhar pousou numa taberna do outro lado da rua — o tipo de estabelecimento em que ele nunca a deixaria entrar —, mas estava seriamente a ponderar atravessar a estrada, pegar no primeiro bêbedo que visse sentado e arrastar a cadeira vazia para a rua para ela se sentar. Uma mulher não devia chorar em pé. Não parecia bem.

— Por favor, não me pode apenas emprestar alguns xelins? — perguntou. — Arranjo uma estalagem onde passar a noite e não o chateio mais.

— Menina Taylor, não posso emprestar-lhe dinheiro para passar a noite sozinha numa estalagem. Não é seguro.

— Não tenho outra escolha senão ficar. Só volta a haver carruagens para Spindle Cove amanhã de manhã.

Thorne olhou para o cavalo.

— Eu alugo-lhe um cavalo, se souber cavalgar.

Ela abanou a cabeça.

— Nunca aprendi.

Maldição. Como podia resolver aquela situação? Ele tinha dinheiro suficiente para alugar outro cavalo, mas nem de perto quanto bastasse para uma carruagem privada. Podia hospedá-la numa estalagem, mas nem pensar em deixá-la ficar sozinha.

Passou-lhe uma ideia perigosa pela cabeça, que começou a ganhar raízes.

Ele podia ficar com ela.

Não de uma maneira vulgar, disse a si mesmo. Apenas como seu protetor. Podia arranjar um maldito sítio onde ela se pudesse sentar, para começar. Podia tratar para que comesse e bebesse e tivesse mantas quentes. Podia ficar de vigia enquanto ela dormia e certificar-se de que nada a incomodava. Podia estar lá quando ela acordasse.

Depois de todos os meses de desejo frustrado, talvez isso fosse o suficiente.

Suficiente? Pois claro.

— Deus do céu — ela deu um súbito passo atrás.

— O que foi?

Ela baixou o olhar e engoliu em seco.

— Há uma parte de si que está a *mexer-se*.

— Não, não está.

Thorne fez uma avaliação rápida e silenciosa do seu equipamento pessoal. Descobriu que estava tudo em ordem. Numa outra ocasião

— que envolvesse menos lágrimas —, aquele tipo de proximidade teria sem dúvida despertado o seu desejo. Mas hoje ela estava a afetá-lo num lugar bem mais acima no tronco. A dar-lhe nós nas entranhas e a atçar as cinzas negras e fumegantes que restavam do seu coração.

— A sua sacola — ela apontou para a bolsa de couro que ele tinha pendurada a tiracolo — está a... estrebuchar.

Ah, isso. Com toda a confusão, quase se tinha esquecido do bicho.

Enfiou a mão por baixo da aba de couro e retirou a causa da agitação, erguendo-a para ela ver.

— É só isto.

E de repente tudo ficou diferente. Foi como se o mundo tivesse ganhado uma nova perspetiva. Em menos tempo do que o coração dele dava uma batida, o rosto da menina Taylor transformou-se. As lágrimas desapareceram. Ela arqueou as sobrancelhas elegantes e compridas com surpresa. Os seus olhos iluminaram-se — brilharam mesmo, como duas estrelas. E a boca abriu-se, numa exclamação de deleite.

— Oh!... — ela pressionou uma bochecha com a mão — é um cachorro...

Ela sorriu. Caramba, como ela sorriu. Tudo por causa desta bola fofinha, peluda e irrequieta, que tão provavelmente lhe mijaria nos sapatos como os roeria.

Ela inclinou-se para a frente.

— Posso?

Como se ele pudesse recusar. Thorne colocou-lhe o cachorro nos braços. Ela afagou-o e falou com ele como se fosse um bebé.

— De onde foi que vieste, coisa fofa?

— De uma quinta aqui perto — respondeu Thorne. — Pensei em levá-lo para o castelo. Tenho precisado de um cão de caça.

Ela inclinou a cabeça e olhou de soslaio para o cachorro.

— É um cão de caça?

— Em parte.

Os dedos dela acariciaram a mancha cor de ferrugem sobre o olho direito do cachorro.

— Julgaria que ele é em parte muitas coisas, não é? Coisinha engraçada...

Ela ergueu o animal com ambas as mãos e olhou para ele com o nariz mesmo frente ao focinho dele, a franzir os lábios para fazer um pequeno gorjeio. O cão lambeu-lhe o rosto.

Cão sortudo.

— O malvado cabo Thorne pôs-te dentro de uma sacola escura e horrível, não foi?

Ela sacudiu alegremente o cachorro.

— Gostas muito mais de estar aqui fora comigo, não gostas? Claro que gostas.

O cão latiu. Ela riu e aproximou-o do seu peito, debruçando-se sobre o pescoço peludo do animal.

— És perfeito — ouviu-a sussurrar. — És mesmo do que estava a precisar hoje.

Afagou o pelo do cachorro.

— Obrigada.

Thorne sentiu um nó doloroso a revoltar no peito. Como algo enfeijado e dobrado a soltar-se. Aquela rapariga conseguia fazer isso — fazê-lo *sentir* coisas. Ela sempre o tinha conseguido, durante anos e anos. Essa época longínqua parecia estar para lá do alcance das suas memórias mais antigas. Uma verdadeira bênção para ela.

Mas Thorne lembrava-se. Lembrava-se de tudo.

Pigarreou e disse:

— É melhor pormo-nos a caminho. Vai ser quase noite quando chegarmos a Spindle Cove.

Ela desviou a atenção do cão e olhou com curiosidade para Thorne.

— Mas como?

— Vai comigo no cavalo. Você e o cão. Eu levo-a na sela. Você leva o cão ao colo.

Como se estivesse a consultar todas as partes envolvidas, ela virou-se para o cavalo. Depois para o cão. Por fim, ergueu o olhar para Thorne.

— Tem a certeza de que caberemos?

— À justa.

Ela mordiscou o lábio, aparentemente insegura.

A sua hesitação instintiva relativamente à ideia era evidente. E compreensível. Thorne também não estava desejoso de pôr o plano em ação. Três horas a cavalo com a menina Kate Taylor disposta entre as suas coxas? Seria a pior das torturas. Mas não conseguia imaginar uma forma melhor de levá-la rapidamente e em segurança para casa.

Ele conseguiria fazê-lo. Se tinha aguentado um ano com ela na mesma aldeiazinha, conseguiria suportar algumas horas de proximidade.

— Não a vou deixar aqui — disse. — Tem de ser assim.

A boca dela formou um sorriso cómico e constrangido. Era um alívio vê-lo, e ao mesmo tempo também era devastador.

— Já que põe as coisas assim, sinto-me incapaz de recusar.

Por amor de Deus, não digas isso.

— Obrigada — acrescentou. E tocou-lhe gentilmente na manga.

Para o teu próprio bem, não faças isso.

Ele afastou-se do seu toque e ela pareceu ofendida. O que o fez desejar tranquilizá-la, mas não se atreveu a fazê-lo.

— Cuidado com o cachorro — advertiu.

Thorne ajudou-a a subir para a sela, dando-lhe um impulso pelo joelho, em vez de pela coxa, como podia ter sido mais eficiente. Depois montou o cavalo, tomando as rédeas numa mão e mantendo um braço à volta da cintura dela. Quando deu um estímulo ao cavalo para que andasse, ela descaiu contra ele, suave e quente. As suas coxas aconchegavam as dela.

O seu cabelo cheirava a cravinho e limão. O aroma inundou-lhe todos os sentidos antes de poder evitá-lo. *Raios!* Podia desencorajá-la de falar com ele, de tocá-lo. Podia mantê-la distraída com um cão. Mas como podia evitar que ela tivesse um corpo de mulher e cheirasse divinalmente?

Esqueçam lá as tareias, as chicotadas, os anos de prisão... Thorne sabia, sem dúvida alguma, que as três horas seguintes seriam o castigo mais severo da sua vida.

Capítulo 3



Algo estranho aconteceu durante a primeira hora a cavalo. Diante dos olhos de Kate, o cabo Thorne transformou-se num homem completamente diferente. Um homem bem-parecido.

Da primeira vez que olhou de relance para ele, arrastando o olhar lenta e perigosamente desde a lapela do casaco até ao rosto, achou que o semblante dele era tão severo e intimidante como sempre. As superfícies planas do rosto estavam iluminadas pela luz fantástica do fim da tarde. Ela encolheu-se com medo.

Mas então, depois de algumas centenas de metros, voltou a olhar para cima quando passaram por baixo da copa de um arvoredo. Dessa vez apanhou-o de perfil e as feições dele estavam tomadas por sombras. Pensou que ele parecia... tão sinistro como protetor. Forte.

A parede quente de músculo atrás dela apenas reforçou essa impressão. Tal como o braço enorme dobrado à volta da barriga dela e a facilidade com que guiava o cavalo. Sem gritar ou bater com o chicote — apenas toques suaves com os calcanhares e uma ou outra palavra sussurrada. Essas palavras faziam-lhe vibrar os ossos como notas de violoncelo, cada uma a instalar um formigueiro suave e excitante na base da sua espinha.

Ela fechou os olhos. Vozes graves tocaram-na em sítios profundos.

A partir desse momento ela manteve teimosamente o olhar fixo na estrada em frente. No entanto, a sua imagem mental de Thorne continuava a mudar. Na sua cabeça ele tinha deixado de ser sinistro e severo, passando a ser protetor, forte e... bonito.

Selvagem, improvável e escandalosamente bonito.

Não, não. Não podia ser. A sua imaginação estava a pregar-lhe partidas. Kate sabia que muitas mulheres da classe trabalhadora, em Spindle

Cove, gostavam do cabo Thorne, mas nunca tinha percebido porquê. As feições dele simplesmente não a atraíam, provavelmente porque ele costumava usá-las para carrancas e olhares desaprovadores na sua direção. Naquelas raras ocasiões em que ele olhava para ela.

Depois de terem percorrido alguns quilómetros, o cachorro já tinha adormecido nos braços dela. Kate vasculhara os seus muitos encontros desagradáveis com o homem e conseguiu lembrar-se de que não o achava atraente.

Mais um olhar, disse para si mesma, *apenas para confirmar*.

Mas quando olhou de facto para cima, a pior coisa possível aconteceu. Ela deu com ele a olhar *para ela*.

Os dois fitaram-se. O azul penetrante dos olhos dele invadiu-lhe o ser. Para seu grande horror, ela exclamou alto. E rapidamente desviou o olhar para o lado, para qualquer outro lado.

Tarde de mais.

As feições dele ficaram marcadas na sua imaginação. Quando fechou os olhos foi como se o interior das pálpebras tivesse sido pintado com aquele mesmo azul intenso e hipnotizante. Agora tinha a ideia de que ele era talvez o homem mais bonito que já tinha visto — uma avaliação sem qualquer base racional. Nenhuma mesmo.

Kate apercebeu-se de que tinha um problema grave. Estava sob um feitiço. Ou ligeiramente louca. Possivelmente ambas as coisas.

Sobretudo, estava angustiada. O batimento do seu coração era frenético e, estando tão perto um do outro naquela sela, sabia que ele devia senti-lo. Por amor de Deus, possivelmente até o *ouvia*. Aquela palpitação acelerada e descontrolada estava a revelar todos os seus segredos. Mais valia ela ter falado com franqueza e dito: *Sou uma idiota imbecil, sedenta de afeto, que nunca na vida esteve assim tão perto de um homem*.

Desesperada para criar uma pequena barreira entre eles, endireitou as costas e inclinou-se para a frente.

Nesse instante o cavalo abrandou o passo e Kate oscilou perigosamente para um lado. Conhecia a sensação breve e inevitável de cair.

E depois, com a mesma rapidez, foi amparada.

Thorne corrigiu o cavalo com uma flexão das coxas. Puxou as rédeas com uma mão e o outro braço contraiu-se à volta da cintura dela. Os movimentos foram fluidos, fortes e instintivos, como se todo o seu corpo fosse um punho e ele a tivesse agarrado poderosamente.

— Eu seguro-a — disse ele.

Sim, lá isso era verdade. Ele segurava-a com tanta força e tanta proximidade que os ilhós do corpete estavam provavelmente a deixar pequenas marcas redondas no seu peito.

— Já estamos a chegar? — perguntou-lhe.

— Não.

Ela abafou um suspiro lamentoso.

Enquanto o Sol descia na direção do horizonte, pararam numa portagem. Kate esperou com o cachorro, enquanto Thorne comprava um balde de leite e três pães grandes, quentes e estaladiços, a um camponês. Ela seguiu-o com o piquenique, passando por uns degraus e subindo uma encosta próxima.

Sentaram-se um ao pé do outro num prado intensamente cheio de urze em flor. A luz desvanecida do Sol pintava cada pequenina flor roxa de cor de laranja. Kate dobrou o xaile num quadrado e o cachorro deu várias voltas antes de se deitar e atacar a franja do xaile.

Thorne deu-lhe um dos pães.

— Não é grande coisa.

— É perfeito.

O pão aqueceu-lhe as mãos e fez o seu estômago roncar. Ela partiu-o ao meio, soltando uma nuvem de delicioso vapor a fermento.

À medida que comia, o pão parecia preencher algum do espanto estúpido que havia dentro dela. Era muito mais fácil controlar um comportamento insensato com a barriga cheia. Já quase conseguia suportar olhar para ele outra vez.

— Estou-lhe agradecida — disse ela. — Não tenho a certeza se já disse isto, para minha vergonha. Mas estou muito grata pela sua ajuda. Estava a ter o dia mais horrível do ano, e ver o seu rosto...

— Piorou tudo.

Ela riu em protesto.

— Não. Não quis dizer isso.

— Se bem me lembro, você desatou a chorar.

Ela baixou o queixo e olhou-o de soslaio.

— É possível que isto seja uma demonstração de humor? Do severo e intimidante cabo Thorne?

Ele não respondeu e ela observou-o a alimentar o cão com bocadinhos de pão embebidos em leite.

— Oh, céus — disse ela. — Qual será o seu próximo truque, pergunto-me? Um piscar de olhos? Um sorriso? Não se ria, senão ainda desmaio.

O tom dela foi levemente provocatório, mas estava a falar a sério. Já estava a sofrer os fortes apertos de paixão apenas por causa da aparência e da força dele. Se revelasse também uma faceta de humor inteligente, ela podia ver-se numa situação desesperada.

Felizmente para as suas vulneráveis emoções, ele respondeu com a habitual ausência de charme.

— Sou o tenente da milícia de Spindle Cove, na ausência do lorde Rycliff. A menina é uma residente de Spindle Cove. Era meu dever ajudá-la e levá-la a casa em segurança. Só isso.

— Bem — disse ela —, tenho a sorte de estar incluída no âmbito do seu dever. O incidente com o condutor da carruagem foi culpa minha, na verdade. Eu corri para a estrada sem olhar.

— O que foi que aconteceu antes? — perguntou.

— Porque é que acha que aconteceu alguma coisa?

— Não é costume distrair-se assim tanto.

Não é costume...

Kate mordiscou o pão devagar. Ele tinha razão, talvez, mas era uma coisa estranha para ele dizer. Evitava-a como um pardal se esquivava da neve. Que direito tinha ele de decidir o que era ou não seu costume?

Mas ela não tinha mais ninguém com quem falar, e nenhum motivo para esconder a verdade.

Engoliu um bocado de pão e pôs os braços à volta dos joelhos.

— Fui fazer uma visita à antiga diretora da minha escola. Tinha esperança de obter informações sobre as minhas origens. A minha família.

Ele fez uma pausa.

— E conseguiu?

— Não. Ela não queria ajudar-me a encontrá-la, explicou, mesmo que pudesse. Porque a minha família não quer ser encontrada. Eu sempre tinha acreditado que era órfã, mas pelos vistos eu... — Ela piscou os olhos com força. — Parece que fui abandonada. Uma criança fruto da vergonha, foi o que ela me chamou. À época ninguém me quis e ninguém vai querer-me hoje em dia.

Ambos fitaram o horizonte, onde o Sol poente, como uma gema de ovo, encimava os montes pálidos.

Ela arriscou olhar para ele.

— Não tem nada a dizer?

— Nada adequado aos ouvidos de uma senhora.

Ela sorriu.

— Mas eu não sou uma senhora, percebe? Se nada mais sei sobre os meus pais, disso posso ter a certeza.

Kate vivia na mesma pousada que todas as senhoras de Spindle Cove, e algumas eram verdadeiras amigas, como a *lady* Rycliff ou a Minerva Highwood, recentemente a nova viscondessa Payne. Mas muitas outras esqueciam-se dela quando iam embora. Nas suas cabeças ela fazia parte da mesma classe que as educadoras e as damas de companhia. Ela podia ser dama de companhia num abrir e fechar de olhos, mas só se não houvesse alguém melhor. Por vezes elas escreviam-lhe durante algum tempo. Se as suas malas estivessem a abarrotar, davam-lhe os vestidos de que prescindiam.

Ela tocou no tecido enlameado do vestido de musselina cor-de-rosa. Estragado, sem hipótese de ser recuperado.

Aos seus pés, o cachorro tinha-se enfiado parcialmente no balde do leite e estava a lambê-lo com satisfação, enquanto voltava a sair de dentro. Kate pegou no cão, virando-o de costas para lhe fazer cócegas na barriga.

— Somos almas gémeas, não somos? — perguntou ela ao cachorro. — Sem lares de jeito de que falar. Sem linhagem nobre... Temos os dois uma aparência engraçada.

O cabo Thorne não tentou contradizer a afirmação dela. Kate julgou que era o que merecia, por procurar elogios num deserto.

— Então e o senhor, cabo Thorne? Onde foi criado? Tem familiares vivos?

Ele ficou calado durante um tempo estranhamente longo, dada a natureza simples da pergunta.

— Nasci em Southwark, perto de Londres. Mas não vou lá há quase 20 anos.

Ela observou o rosto dele com atenção. Apesar da severidade do porte, não lhe daria mais de 30 anos.

— Deve ter saído de casa muito novo.

— Não tão novo como outros.

— Agora que a guerra acabou, não deseja voltar?

— Não. — Ele encarou-a nos olhos por um momento. — O passado é para ficar no passado.

É compreensível, julgou Kate, tendo em conta a desgraça que tinha sido o seu dia. Arrancou uma erva comprida e abanou-a para o cachorro mordiscar e brincar. A cauda comprida e fina sacudia para trás e para a frente de alegria.

— Como pretende chamá-lo? — perguntou-lhe.

Ele encolheu os ombros.

— Não sei. *Mancha*, talvez.

— Mas isso é horrível. Não pode chamar-lhe *Mancha*.

— Porque não? Ele tem uma mancha, não tem?

— Sim, e por isso mesmo é que não pode dar-lhe esse nome.

Kate baixou a voz, agarrando o cachorro junto a si, alisando a mancha cor de ferrugem à volta do olho direito.

— Ele ficará constrangido. Eu tenho uma mancha, mas não gostaria que me chamassem isso. Até parece que preciso de um lembrete de que a tenho.

— Isso é diferente. Ele é um cão.

— Isso não quer dizer que não tenha sentimentos.

O cabo Thorne fez um som zombador.

— Ele é um cão.

— Devia chamar-lhe *Rex* — disse ela, inclinando a cabeça. — Ou *Duque*. Ou *Príncipe*, talvez.

Ele olhou para o lado.

— O que tem o cão de realeza?

— Bem, nada. — Kate pousou o cão e observou-o a correr pelas urzes.

— Mas é esse o objetivo. Contrabalança as origens humildes dele ao dar-lhe um nome grandioso. A isso chama-se ironia, cabo Thorne. Tal como se eu lhe chamasse Fofura. E se o senhor me chamasse Helena de Troia.

Ele fez uma pausa e franziu a testa.

— Quem é Helena de Troia?

Kate quase revelou surpresa pela pergunta. Felizmente conteve-se mesmo a tempo. Teve de se lembrar de que «cabo» era uma categoria militar de recrutamento e a maioria dos homens recrutados no exército tinha apenas uma educação básica.

Ela explicou:

— Helena de Troia era uma rainha na antiga Grécia. Diziam que o rosto dela tinha a capacidade de lançar mil navios. Era tão bela que todos os homens a desejavam. Travaram guerras por causa dela.

Ele ficou calado durante algum tempo.

— Então, se lhe chamasse Helena de...

— Helena de Troia.

— Certo, Helena de Troia — formou-se um pequeno sulco entre as sobrancelhas escuras dele —, como é que isso seria irónico?

Ela riu.

— Não é óbvio? Olhe só para mim.

— Estou a olhar para si.

Deus do céu. Sim, estava. Estava a olhar para ela da mesma maneira como fazia tudo. Com intensidade e uma força tranquila. Ela conseguia até sentir a musculatura do olhar dele. Que a desestabilizava.

Por força de hábito levou os dedos à marca de nascença, mas no último instante usou-os para prender algumas mechas de cabelo atrás da orelha.

— Percebe, não percebe? É irónico porque eu não sou nenhuma beleza lendária. Não há homens a travar batalhas por minha causa. — Ela mostrou um sorriso modesto. — Para isso seria preciso que pelo menos dois homens estivessem interessados. Tenho 23 anos e até agora nem um se interessou.

— Você vive numa aldeia de mulheres.

— Spindle Cove não tem só mulheres. Há alguns homens. Há o ferreiro, e o vigário...

Ele desconsiderou estes exemplos com um som áspero.

— Bem... há o *senhor* — disse ela.

Ele ficou completamente imóvel.

Ora bem. Agora tinham chegado àquilo. Provavelmente ela não o teria posto naquela situação difícil, mas, bem vistas as coisas, era ele quem estava a insistir no assunto.

— Há o senhor — repetiu ela. — E mal suporta partilhar o mesmo ar que respiro. Tentei ser simpática, quando chegou a Spindle Cove. E isso não correu bem.

— Menina Taylor...

— E não é que não se interesse por mulheres. Eu sei que teve outras.

Ele pestanejou e só isso deixou-a desconfortável. Fantástico. O seu piscar de olhos tinha o mesmo efeito que outro homem a bater com o punho na palma da mão.

— Bem, é sabido — disse ela, a esgaravatar silenciosamente a terra com a ponta do pé, à procura de coragem. — Na aldeia, os seus... encontros são assunto de demasiada especulação. Mesmo que eu não queira ouvir falar deles, ouço na mesma.

Ele levantou-se e começou a caminhar na direção da estrada. Os seus ombros enormes estavam direitos, os passos pesados eram controlados. Lá estava ele outra vez a ir embora. Ela já estava farta disso. Estava

cansada de ignorar as rejeições dele, de desconsiderar as decepções com uma gargalhada descontraída.

— Está a ver?

Ela levantou-se e caminhou por entre a urze, apressando-se para alcançar o limite da comprida e monumental sombra dele.

— É exatamente disto que estou a falar. Se sorrio para si, vira-me as costas. Se me sento num lugar perto de si, decide que prefere estar em pé. Causo-lhe urticária, cabo Thorne? O cheiro do meu pó de arroz fá-lo espirrar? Ou há alguma coisa no meu semblante que ache repugnante ou assustador?

— Que absurdo.

— Então admita. O senhor evita-me.

— Muito bem.

Ele parou.

— Eu evito-a.

— Agora diga-me porquê.

Ele virou-se para ela e os seus olhos azul-claros penetraram os dela. Mas nada disse.

Kate libertou o ar dos pulmões num suspiro e os seus ombros descaíram.

— Vá lá — persuadiu-o. — Diga. Não faz mal. Depois destes anos todos acho que seria uma misericórdia ouvir alguém dizer a verdade. Seja honesto e pronto.

Num movimento impulsivo, pegou-lhe numa mão e levou-a ao seu rosto, pousando as pontas dos dedos dele na marca de nascença. Ele tentou afastar a mão, mas ela não o deixou fugir. Se tinha de viver com aquela marca todos os dias, ele podia suportar tocá-la apenas dessa vez.

Ela aproximou-se, pressionando a têmpora manchada na palma da mão dele. Tinha a mão fria.

— Esta é a razão, não é? A razão por que não se interessa por mim. A razão por que nenhum homem se interessa por mim.

— Menina Taylor, eu...

O queixo dele ficou tenso.

— Não. Não é nada disso.

— Então o que é?

Não houve resposta. O seu rosto ardia. Ela queria bater-lhe no peito, abri-lo ao meio.

— O que é? Por amor de Deus, o que é que tenho que acha tão insuportável? Tão lamentavelmente insuportável que nem sequer aguenta estar no mesmo lugar que eu?

Ele praguejou em voz baixa.

— Pare de me provocar. Não vai gostar da resposta.

— Mesmo assim, quero ouvi-la.

Ele afundou uma mão no cabelo dela, arrancando-lhe uma exclamação dos lábios. Dedos fortes agarraram-lhe na nuca. Os seus olhos examinaram o rosto dela e todas as terminações nervosas do seu corpo crepitaram de tensão. O Sol poente lançou um último banho de luz vermelha-alaranjada entre eles, incendiando o momento.

— Esta é a razão.

Com uma flexão do braço, puxou-a para um beijo. E beijou-a da maneira como fazia tudo: com intensidade e uma força tranquila. Os seus lábios pressionaram os dela com firmeza, exigindo uma reação.

Por puro instinto, Kate empurrou-lhe o peito.

— Largue-me.

— Eu largo. Mas ainda não.

As mãos dele mantiveram-na imóvel. Ela não tinha como escapar. No entanto, não tinha medo dele. Não, tinha medo do que estava a preencher rapidamente o espaço entre eles. A fome selvagem nos olhos dele. O calor que aumentava entre os seus corpos. O peso súbito dos seus membros, ventre e seios. A aceleração louca da sua pulsação. O ar em redor parecia carregado de determinação. E nem toda estava do lado dele.

Ele debruçou-se para a beijar outra vez e desta feita os instintos dela foram diferentes. Esticou-se para o alcançar a meio do caminho.

Quando os lábios fortes dele tocaram nos seus todo o seu ser amoleceu. Ele puxou-a para si, envolvendo-lhe a cintura com o outro braço. Nem sequer tentou resistir. A voz da sua consciência ficou muda e as suas pálpebras bateram numa submissão extraordinária. Ela suspirou para o beijo. Uma confissão descarada de desejo.

Os lábios dele eram tão quentes... E, apesar de toda a sua aparência fria e inflexível, ele era delicioso e um conforto. Como pão acabadinho de cozer, misturado com um gostinho leve a cerveja. Ela teve uma visão dele mais cedo naquele dia, a beber numa taberna pouco iluminada. Sozinho. A solidão emocionante dessa imagem fê-la querer abraçá-lo. Teve de se contentar com agarrá-lo pelas lapelas do casaco, aninhando-se no peito dele.

Deixou os lábios entreabrirem-se, para melhor o absorver. Ele apanhou-lhe o lábio superior com os seus e depois chupou o inferior. Como se também estivesse faminto do sabor dela.

Ele deu-lhe beijos firmes no canto da boca, no maxilar e onde a pulsação lateja no pescoço. Cada pressão dos seus lábios era ligeira e forte. Ela conseguia sentir a impressão de cada beijo como se fosse uma marca de ferro em brasa na sua pele. Estava a marcá-la com os selos da sua aprovação.

A boca inchada pela paixão... *Desejada*.

Um pescoço elegante... *Cobiçado*.

O contorno da maçã do rosto... *Adorável*.

E, por último, a marca cor de vinho na têmpora... *Encantadora*.

O beijo dele demorou-se ali por vários momentos. A respiração entrava e saía, agitando-lhe o cabelo. Naquela posição, tão colada a ele, conseguia sentir a força mal contida que lhe fluía pelo corpo. Todo o seu ser vibrava de prazer tangível.

Em seguida ele afastou-se. Ela continuou agarrada ao casaco dele, atordoada.

— Eu...

— Não se preocupe. Não vai voltar a acontecer.

— Não vai?

— Não.

— Então porque foi que sequer aconteceu?

Ele pôs a ponta de um dedo por baixo do queixo dela, inclinando-lhe o rosto para o seu.

— Nunca, mas *nunca*, pense que homem algum não a quer. Só isso.

Só isso? Ela fitou-o. Que homem impossível, bonito e endurecido. Era capaz de beijá-la ao pôr do sol num campo de urze, fazê-la sentir-se linda e desejada, pôr todo o seu corpo a latejar de sensações... e depois largava-a e dizia *Só isso?*

Ele distribuiu o peso do corpo pelos pés, como se fosse recuar.

— Espere — ela agarrou-o com mais força e manteve-o no sítio —, e se eu quiser mais?

SPINDLE COVE É UMA PACATA VILA ONDE JOVENS SENHORAS CONVIVEM E PROCURAM MANTER A SUA REPUTAÇÃO INTACTA.

Após anos a levar uma vida solitária, a órfã Kate Taylor encontrou acolhimento e amizade em Spindle Cove, onde dá lições de música e frequenta a classe mais privilegiada da vila. Mas Kate anseia por algo mais, por conhecer o verdadeiro amor.

ATÉ QUE REVELAÇÕES INESPERADAS AMEAÇAM MUDAR O DESTINO DE UMA DONZELA MUITO QUERIDA POR TODOS.

Frio como o gelo, porém incrivelmente bonito, o cabo Thorne é o exemplo perfeito do tipo de homem que Kate deveria evitar. Mas o destino parece não concordar com ela. Entretanto, um grupo de misteriosos desconhecidos chega a Spindle Cove para revelar a Kate as suas verdadeiras origens. É então que, para surpresa geral, Thorne se apresenta como seu noivo.

A NÃO SER QUE O ANOITECER SE ENCARREGUE DE ALTERAR O RUMO DOS SEUS PASSOS.

Ele afirma que nada sente, além do dever de a proteger. Mas Kate está longe de acreditar nisso... E para Thorne conseguir convencê-la terá que manter as mãos longe do seu corpo tentador e escudar o coração daquele sorriso deslumbrante. Conseguirá este guerreiro vencer a sua derradeira batalha? Ou render-se-á ao desafio de amar pela primeira vez?

DA MESMA AUTORA, PARA LER E SONHAR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-26-8



9 789898 855268

Ficção Romântica